

Conhecer os nomes científicos usados no passado é importante para o comércio madeireiro: série descomplica

Luana de Jesus Silva dos Anjos^(1,4), Brenda Fernandes Vidigal⁽²⁾ e Fernanda Ilkiu-Borges de Souza⁽³⁾

⁽¹⁾ Estudante de graduação da Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA. ⁽²⁾ Estudante de graduação da Universidade Federal do Pará, bolsista Pibic/CNPq na Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA. ⁽³⁾ Pesquisadora, Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA.

⁽⁴⁾ luana.anjosufra@gmail.com

Introdução: O estado do Pará, na Amazônia, destaca-se como uma importante região de comércio de espécies florestais, cuja fiscalização no mercado madeireiro tem sido um desafio para controle da ilegalidade. A nomenclatura botânica científica consta nas listas de autorização para exploração de madeiras, no entanto, diante das constantes atualizações taxonômicas, as sinonímias ainda são pouco consideradas. Sinonímias são os nomes científicos usados no passado para designar as espécies que, por atualização taxonômica, receberam um novo nome válido. O desconhecimento desses antigos nomes pode criar confusão, não apenas para os operadores do mercado madeireiro, mas também para os órgãos responsáveis pela fiscalização e controle ambiental, comprometendo a eficácia das medidas adotadas, liberação ou apreensão de carga, por exemplo. **Objetivo:** Este trabalho visa expor o conceito de sinonímias botânicas e destacar a importância do conhecimento sobre os antigos nomes no contexto do setor madeireiro, bem como listar as sinonímias das dez espécies mais comercializadas no Pará. **Metodologia:** A condução dessa pesquisa iniciou-se com a busca das espécies florestais mais comercializadas por metro cúbico no estado do Pará, segundo a Secretária Municipal de Meio Ambiente (Semma). Em seguida, a obtenção de informações sobre as sinonímias foi realizada por meio do acesso ao banco de dados do Flora e Funga do Brasil, um recurso online especializado em taxonomia vegetal. Foram listadas todas as sinonímias associadas a cada espécie. **Resultados:** A pesquisa revelou que somente uma das dez espécies selecionadas não apresentava sinonímia, *Alexa grandiflora* Ducke (melancieira), e todas as outras nove apresentam pelo menos duas ou mais: *Caryocar villosum* (Aubl.) Pers., piquiá (7); *Couratari guianensis* Aubl., tauari (8); *Dipteryx odorata* (Aubl.) Forsyth f., cumaru (2); *Goupia glabra* Aubl., cupiúba (2); *Hymenaea courbaril* L., jatobá (5); *Manilkara elata* (Allemão

ex Miq.) Monach., maçaranduba (4); *Micropholis venulosa* (Mart. & Eichler) Pierre, abiurana (15); *Pseudopiptadenia suaveolens* (Miq.) J.W.Grimes, timborana (2); *Tachigali paniculata* Aubl., taxi (6). **Considerações finais:** Diante dos resultados obtidos, torna-se evidente a necessidade de esclarecer para os profissionais dos órgãos competentes de fiscalização sobre a necessidade da atualização taxonômica e ajustes dos novos nomes nas listas de permissão. A compreensão da troca de antigos para novos nomes válidos é essencial para os agentes do setor madeireiro e de fiscalização. Portanto, este trabalho vem contribuir para a formação dos identificadores botânicos desse setor.

Termos para indexação: comércio madeireiro, identificação botânica, taxonomia.

Fonte de financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Projeto Embrapa.